



Centro de Análise da
SOCIEDADE BRASILEIRA

Relatório Executivo

Grupo de Trabalho
Temático 6

RELIGIOSIDADES

O CASB

O Centro de Análise da Sociedade Brasileira (CASB) é uma iniciativa das fundações Perseu Abramo (PT), Lauro Campos e Marielle Franco (PSOL), Maurício Grabois (PCdoB) e Rosa Luxemburgo (vinculada ao partido alemão Die Linke – A Esquerda).

Tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre as mudanças na sociedade brasileira e produzir diagnósticos – auxiliando os partidos e o governo na tarefa de democratização da sociedade e das instituições; e na organização do campo democrático popular.

Para isso, organizou seu trabalho no sentido de ampliar sua escuta em direção a especialistas e pesquisadores (da academia, de movimentos sociais e fundações partidárias); e também produzir pesquisas próprias pelo Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos da FPA (NOPPE).

As atividades e publicações do CASB expressam o projeto conjunto das Fundações parceiras. Elas comportam opiniões plurais, de integrantes e convidados, que não são necessariamente posição institucional das Fundações participantes do CASB.



ESTE RELATÓRIO FOI PRODUZIDO A PARTIR DOS DADOS APRESENTADOS PELAS/OS CONVIDADAS/OS.

Data: 24 de Agosto de 2023

Ementa do GT:

O GT 06 - Religiosidades discutiu, com base na experiência em pesquisa e em militância de seus integrantes, quais os desafios do campo democrático popular no diálogo com a população de fé evangélica no Brasil. Permeou a discussão a contradição entre o alto índice de votação dessa parcela dos brasileiros em Jair Bolsonaro nos dois pleitos anteriores, por um lado, e a composição social popular do segmento, por outro, que se traduzem num desafio para o nosso campo. O grupo buscou compreender o que as pesquisas sobre o tema, o apanhado histórico da fé evangélica no Brasil e a análise do momento atual, de distensionamento em meio a um governo Lula III apresentam para o desafio de desbolsonarizar o Brasil.

Expositoras/es:

Delana Cristina Corazza - Cientista social e pesquisadora do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social;

Jacqueline Teixeira - Antropóloga, pesquisadora e professora da Universidade de Brasília (UnB), conselheira do CASB;

Rafael Rodrigues da Costa - Sociólogo, pesquisador e professor da Faculdade Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP).

Debatedores

Nilza Valéria - Jornalista e coordenadora da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito;

Rodrigo Toniol - Professor de Antropologia da UFRJ. Editor do livro "conservadorismo, fascismo e fundamentalismo", editora da Unicamp.

1. A CULTURA EVANGÉLICA ESTÁ PERMEADA NA SOCIEDADE. É UMA EXPRESSÃO CULTURAL QUE ORGANIZA, PRINCIPALMENTE, OS VALORES DAS CLASSES DE MENORES RENDA

A fé religiosa é uma variável permanente na cultura brasileira, e consequentemente, a **cultura evangélica** está permeada na base da sociedade. É uma **expressão cultural** que organiza principalmente os valores das **classes de menores rendas**. Não à toa, o próprio mercado foi ágil em dialogar com essa cultura de maneira a atrair o público evangélico para determinados consumos, como por exemplo, novelas de canais como a Rede Record, com novelas bíblicas, e a Rede Globo, que entrou no ramo com a sua recente obra 'Vai na Fé'.

As igrejas evangélicas são também **espaço de acolhimento e solidariedade para a classe trabalhadora empobrecida e periférica** – configurando-se como um espaço importante de sociabilidade, não somente de religiosidade. É o espaço da vida coletiva e da realização de ações concretas e materiais, trazendo testemunhos de mudança de vida, ajuda e inclusive oferta de aportes econômicos, quando necessário. As ações das igrejas evangélicas durante o período da pandemia reforçaram essa percepção.

Uma parcela da esquerda brasileira, por outro lado, é oriunda

de uma **tradição católica**, especialmente vinculada à **Teologia da Libertação** – que desempenhou via Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) um

papel semelhante na forma, ao realizado hoje pelas igrejas de matriz evangélicas – vinculadas à outra Teologia, a da Prosperidade. Outra parcela, de matriz mais acadêmica/científica racionaliza o debate sobre religião e **deixa em segundo plano a questão religiosa e da espiritualidade**. Tais raízes criam descompassos e dificuldades de diálogo – os próprios vocabulários e referências são bastante diferentes entre si.

A **postura** da esquerda de desconsiderar o discurso religioso acaba por **afastar a esquerda** de uma parcela significativa de uma população que ela também pretende representar. A **espiritualidade é ignorada** por parte da esquerda e **encampada por quase todo o campo da direita**. Neste sentido, a parcela da população que possui valores conservadores e encontra-se afastada da esquerda, pode ser **cooptada** pela direita ainda que não se identifique totalmente com os valores desse pólo do espectro político.

Nessa gramática, os conceitos de **gênero e família** tornam-se fundamentais. No campo conservador, o conceito de gênero se volta à ideia de família, à moral, com a defesa da família “tradicional”, contra os direitos civis da população homossexual. Por outro lado, o conceito de família também está associado a um espaço de **reconhe-**

cimento, pertencimento e proteção em comunidade de fé (irmãos). É necessário considerar tais questões, rever palavras de ordem e retomar os conceitos de fé, família e comunhão

para além da moralidade – visto que pautas progressistas também podem dizer respeito a tais questões, como a luta pela terra, o combate à pobreza e as contradições do capitalismo.

2. E QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS?

Há que se ressaltar, no entanto, que **os evangélicos não constituem um único grupo homogêneo**, falar em evangélico é falar em diversidade, em inúmeras igrejas, denominações, com histórico, práticas e lógicas muito distintas. O conceito, por vezes, acaba sendo utilizado como um **grande cabide conceitual** para referenciar um conjunto de igrejas evangélicas de diferentes matizes, vertentes, práticas e crenças, que mais se aproxima de uma visão que generaliza e inibe o diálogo.

Por sua vez, embora sejam diversos e plurais, **a fé evangélica permeia uma parcela significativa das classes trabalhadoras, especialmente a base da pirâmide social**. Consequentemente, existe um corte de **raça, gênero** e grau de **instrução**, com a presença de **mulheres**, da **população negra** e de baixa escolaridade. Portanto, é possível afirmar que disputar

os evangélicos é também **disputar as camadas mais empobrecidas da sociedade brasileira**.

A população mais pobre de fé evangélica, segundo acúmulos de pesquisa, valorizam a instituição família como **organizadora das questões cotidianas** e tem na **imagem da mulher** a mantenedora dessa estrutura. É na igreja e no exercício da fé que constroem espaços importantes de **acolhimento e reconhecimento**. Mulheres negras, pobres e com baixo nível de instrução também se empoderam nestes espaços de fé e se tornam verdadeiras **protagonistas, lideranças**, ao passo que em outros espaços sociais não encontram as mesmas oportunidades. A igreja também é espaço de **acolhimento, segurança e reorganização** da vida cotidiana para muitas mulheres

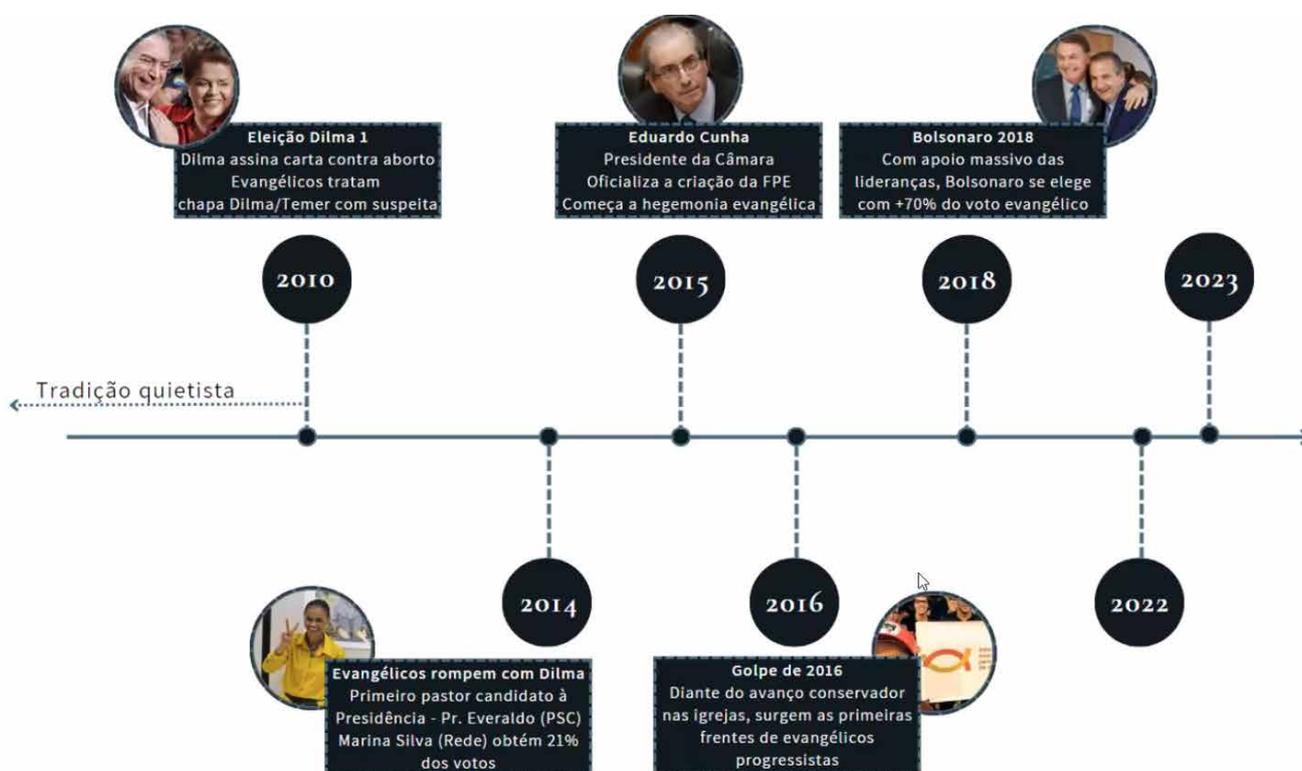
3. O FUNDAMENTALISMO EVANGÉLICO É HISTÓRICO, MAS A RADICALIZAÇÃO POLÍTICA É UM FENÔMENO RECENTE

Embora presente há décadas, **o fundamentalismo evangélico nunca representou a totalidade** da população de fé evangélica. Desde as eleições de

2010, a partir da assinatura da **Carta Contra o Aborto e da aposta do PSDB em utilizar-se de pautas morais** para competir com o PT, o fundamentalis-

mo evangélico, tem se fortalecido no debate político respaldado em discursos morais como resgate e proteção dos “valores da família tradicional”. A tradição era de que religião não se misturava com política - uma **tradição quietista**, “o que é do mundo, é do mundo”. Até 2015, a bancada evangélica sequer se organizava como Frente Parlamentar, o que mudou com a **ascensão de Eduardo Cunha à presidência da Câmara e o golpe de 2016**. A partir deste marco temporal, essas

forças se articularam de maneira a pautarem o debate político e interferirem na opinião pública, **vinculando-se a outros setores da extrema-direita** a partir da campanha que elegeu Jair Bolsonaro em 2018. Parte da infraestrutura de comunicação e sociabilidade instalado dentro das igrejas fundamentalistas são **capturados pela extrema-direita** e se tornaram propagadores de **desinformação e engajamento em pautas** caras à extrema-direita.



4. A EXTREMA-DIREITA SE UNIU A GRUPOS FUNDAMENTALISTAS PARA AVANÇAR NA DISPUTA DE VALORES NA BASE DA SOCIAL / DISPUTA DE PODER POLÍTICO

Desde o início dos anos 10, as lideranças evangélicas romperam com a tradição quietista e reivindicaram o **protagonismo** no cenário político

nacional. Os evangélicos são, há décadas, o segmento religioso que **mais cresce** no país (e o novo Censo Demográfico deve apontar quanto cresce-

ram desde 2010). São os que mantêm suas práticas religiosas **mais frequentes** e também os que **mais propagam** sua fé por meios de massa: com **canais de TV, emissoras de rádio e presença ativa nas redes sociais**. Desde então, foi notório o crescimento do número de representantes evangélicos no parlamento nas últimas décadas. Possuem lideranças religiosas carismáticas, que além da pregação religiosa orientam suas vidas, costumes e, por muitas vezes, o voto de seus fiéis.

Embora a maior parte da base social evangélica não possua todos os valores e percepções deste campo, a articulação e influência dos grupos fundamentalistas e o uso do discurso religioso tornou-a **alvo prioritário de cooptação e de alinhamento político-eleitoral próximo deste projeto político**.

Este projeto baseia-se no pensamento conservador (religião, família tradicional, propriedade privada, meritocracia, precedência do individual sobre o público) e em valores antidemocráticos. Esses atores passaram a **mobilizar o discurso religioso** para basear suas pautas e **apontar a esquerda como responsável** por uma suposta tentativa de destruição da família e dos valores religiosos caros a essa parcela da população.

Através da ideia de “salvação”, por exemplo, alimentaram a **descrença nas instituições do país**, negaram a política, a cultura, a arte, a educação,

a ciência. Na campanha de 2018, a agenda de Bolsonaro aliada ao atentado sofrido (e sua sobrevivência a ele) antecederam o alinhamento das lideranças fundamentalistas em torno dele, que venceu com **larga vantagem** entre os eleitores de fé evangélica.

Recentemente, apostaram em figuras ícones como **Damare Alves** (Republicanos) e **Michelle Bolsonaro** (PL), com forte poder de identificação com o perfil evangélico – especialmente com as mulheres, pelo papel já mencionado. Outro ponto de atenção é a aposta em outras lideranças, como o deputado-federal Nikolas Ferreira – de perfil jovem, evangélico e com forte presença nas redes.

Na campanha de 2022, **Michelle foi cabo eleitoral e rodou o Brasil muito antes do período eleitoral** – apresentando-se como a **‘mulher sábia que edifica sua casa’ (Provérbios 14:1)** e que seria a garantia que, apesar dos defeitos de seu marido, ele estaria sendo guiado pela sua mulher digna em sua missão (quase como a rainha Ester, personagem bíblica que foi retratada em minissérie da Record TV em 2020). A própria biografia de Michelle, de contendas familiares até à sua conversão, dialogou com a realidade de milhões de mulheres de fé evangélica.

5. NÃO SE DEVE DESCONSIDERAR OS PAPEL DOS CATÓLICOS CONSERVADORES

O Brasil, mais que um **país de maioria cristã**, é um **país de maioria católica**. Não se deve perder isso de vista, ainda mais considerando que, do ponto de vista histórico, a pauta conservadora também foi articulada e operacionalizada politicamente por setores vinculados à **ala mais à direita da Igreja Católica**. Esses segmentos permanecem fortalecidos, com intensa **presen-**

ça institucional, redes de articulação e de **financiamento** internacional. A narrativa **anti-esquerda** está presente há décadas na sociedade brasileira: a narrativa anticomunista foi essencial no período pré-golpe de 1964. Mais do que “bolsonarista”, é “anti-esquerda” desde sempre – e permanece atualmente em diversos setores da Igreja.

6. QUAIS HIPÓTESES PODEM EXPLICAR O AUMENTO DA APROVAÇÃO DO GOVERNO LULA III ENTRE O SEGMENTO EVANGÉLICO?

A **melhora na aprovação de Lula entre os evangélicos** é fato bastante relevante, especialmente ao considerar que na véspera do segundo turno das eleições de 2022, as intenções de voto totais entre os evangélicos estavam em 65% para Bolsonaro e 29% para Lula, segundo a última pesquisa Datafolha antes do segundo turno.

O levantamento mais recente de avaliação do governo, realizado pela Quaest, apontou que desde fevereiro/2023 o número de evangélicos que aprova o trabalho que Lula vem fazendo **saltou de 40% para 50%**.

Conseqüentemente, as lideranças evangélicas fundamentalistas têm apresentado um **distensionamento** em relação ao governo Lula, com um recuo estratégico por conta: i) da **desmoralização do bolsonarismo** após a derrota eleitoral e os acontecimentos do 8 de janeiro; ii) um possível **retor-**

no ao estado anterior de quietismo (a derrota nas eleições pode ter fortalecido a visão de que o presente é repleto de ‘mazelas’ e deve se voltar à fé com vistas à felicidade que só o Reino de Deus pode proporcionar iii) **a espera por novas lideranças e novas disputas eleitorais**.

Nesse sentido, atualmente, o que temos observado é, por um lado, uma espécie de silêncio das lideranças que apoiaram publicamente Bolsonaro sobre o ex-presidente, e, por outro, uma “radicalização” em torno de pautas morais – uma possível **tentativa de manter o público fiel às pautas**, mesmo que com uma liderança desacreditada (e sem uma nova liderança). Em paralelo, o aumento da aprovação de Lula entre os evangélicos pode estar vinculado à **melhora econômica**, a um arrefecimento (ou **trégua**) na polarização e à não concretização das ameaças feitas por lideranças sobre o que seria um novo governo Lula: **o go-**

verno não fechou igrejas, não legalizou o aborto, não instituiu banheiro unissex nas escolas etc.

Ainda, uma parcela das lideranças evangélicas que ocupam espaços institucionais são ligadas a partidos e grupos fisiológicos e corporativistas: sabem a força que têm, e podem apoiar o governo caso não percam seus privilégios, seu espaço, e tendem a negociar com quem estiver a frente do Executivo – ficam mais confortáveis com a direita, mas isso não os impede de realizar alianças com a esquerda como já ocorreu no passado.

Os números de aprovação evidenciam que, entre a população de fé evangélica –, além de um **contingente progressista** que não se alinhou a Bolsonaro, há outro **contingente grande e disputável** que se alinhou momentaneamente, mas que pode ser atraído por um **governo popular**. Portanto, um dos principais desafios é aprofundar a compreensão sobre essa parcela da população brasileira, em uma **agenda de pesquisa que contemple a complexidade dessa questão** – dada a sua importância para se pensar em construção de canais de diálogo e organização política das classes populares.



O CASB se propõe a um debate amplo ouvindo diversos setores da sociedade e, neste relatório, agradecemos especialmente às pesquisadoras Delana Cristina Corazza, Jacqueline Teixeira e ao pesquisador Rafael Rodrigues da Costa. Aos leitores que tiverem interesse em aprofundar sobre o tema, seguem os links abaixo:

Resistir com Fé Evangélicos e Trabalho de Base - Intercontinental

https://thetricontinental.org/wp-content/uploads/2022/02/20220202_Evang.pdf

Evangélicos e extrema-direita

<https://drive.google.com/file/d/1HE5Xb7HEIWA8880sDROO26leZCFKcR8i/view>

SAUDAÇÕES

CASB

Centro de Análise da
SOCIEDADE BRASILEIRA

